

# O sistema pessoal do Tupinambá

Aryon Dall’Igna Rodrigues

1. O presente artigo trata de um aspecto marcante do sistema de expressão pessoal de uma língua indígena americana – o *Tupinambá* (ou *Tupí Antigo*), falada na costa leste, nordeste e norte do Brasil nos séculos 16 e 17. A documentação básica para a análise científica dessa língua é constituída por gramáticas, vocabulários e textos compostos por missionários e viajantes; os documentos diretamente utilizados neste estudo estão indicados adiante, sob o número 5.

2. O sistema pessoal do *Tupinambá* apresenta uma dupla peculiaridade, até agora não documentada claramente para nenhuma outra língua: há distinção morfológica de duas “primeiras pessoas inclusivas” e não há nenhuma distinção entre estas e as “terceiras pessoas”. Os prefixos marcadores de sujeito nos verbos são os seguintes, com traduções aproximativas:

<i>a-</i>	‘eu’
<i>ere-</i>	‘você’
<i>oro-</i>	‘eu e ele(s)’
<i>pe-</i>	‘você e ele(s)’
<i>ya-</i>	‘eu e você’, ‘ele(s)’
<i>o-</i>	‘eu, você e ele(s), ‘ele(s)’

## Exemplos de *ya-* e *o-*:

(1) *yané ya’ú*  
‘nós (eu e você) o comemos’

(2) *ma’ éya’ú*  
‘um animal o comeu’

(3) *asé osenōy*  
'nós (eu, você e ele) o chamamos'

(4) *payé osenōy*  
'o pajé o chamou'

'Ele(s)' como tradução de *ya-* e *o-* não é bastante preciso: *o-*, significando 'ele(s)' ocorre em verbos transitivos e intransitivos, ao passo que *ya-* com esse significado ocorre só em verbos transitivos. As construções transitivas oferecem, pois, situações opostas: *o-* ocorre quando o sujeito é o foco (o tópico principal) do discurso, enquanto que *ya-* ocorre quando o sujeito não é o foco (este é o objeto). Exemplo (de Anchieta, G 36v):

(5) *morubisába moná oynamí'ókukár*  
'o-juiz (foco) mandou-cortar-a-orelha-de o-ladrão'

(6) *morubisába moná yaynamí'ókukár*  
'o-juiz mandou-cortar-a-orelha-de o-ladrão (foco)'

3. A distinção entre foco e não-foco não foi percebida de maneira assim clara pelos analistas precedentes, mas é a melhor hipótese que podemos postular para explicar as ocorrências de *ya-* e *o-* com o significado aparentemente comum de "ele(s)"; esta hipótese baseia-se: (a) na discussão de *ya-* pelos antigos gramáticos, (b) na ocorrência de *ya-* e *o-* nos textos disponíveis e (c) na coerência interna do sistema pessoal do *Tupinambá*.

3.1. Anchieta (AG 36v) atribui a *ya-* 'ele(s)' o significado de sujeito de menor valia que o respectivo objeto e dá os seguintes exemplos:

(7) *syé rúba tobayára ya'ú*  
'os contrários comeram meu pai' (AG 36v)

(8) *mōya Pedro yaysu'ú*  
'a cobra mordeu a Pedro' (AG 36v)

(9) *Pedro ta'ira yaynupã*  
'seu filho (scilicet, de Pedro) açoutou a Pedro' (AG36v)

Mas, a seguir, observa que *ya-* também se usa em casos em que o sujeito é de maior valia ('Ainda que também se pode usar deste, quando o nominativo é de maior estima', AG 36v), com o que revela irrelevância do critério da maior

ou menor valia do sujeito; os exemplos então dados são (5) e (6) acima, nos quais a alternância entre *ya-* e *o-* se dá, para Anchieta, “*secundum subiectam materiam*”, i. é, segundo a matéria em consideração no discurso. Este é o ponto em que ele mais se aproxima de nossa hipótese do foco.

3.2. Figueira simplesmente menciona esta alternância, sem explicá-la, e dá os seguintes exemplos:

- (10) *Pedro móya oyuká* (F 99)  
‘Pedro matou uma cobra’
- (11) *Pedro móya yayuká* (F 99)  
‘Pedro matou uma cobra’
- (12) *oerasó temõ sapi’á ibákipe tupána syé rúba mã* (F 99)  
‘oxalá (*temõ..mã*) levasse (*oerasó*) Deus (*tupána*)  
cedo (*sapi’á*) a meu pai (*syérúba*) para o céu (*ibákipe*)!’
- (13) *yarasó temõ sapi’á ibákipe tupána syé rúba mã* (F 99)  
mesmo significado que (12)

Acrescenta que (13) é melhor que (12), informação incompatível com a hipótese de Anchieta (o sujeito ‘Deus’ seria de “maior valia” que o objeto “meu pai”), mas que satisfaz plenamente a hipótese do foco (a possibilidade de “meu pai” ser o foco do discurso é muito maior do que a de “Deus” ser o tópico principal).

3.3. A grande maioria de ocorrências documentadas de orações transitivas com sujeito e objeto de “3ª pessoa” tem sujeito focal. Alguns casos mais de objeto focal encontram-se nas composições poéticas de Anchieta. Em todos estes casos o prefixo marcador de sujeito é *ya-*:

- (14) *opá emonã tekwára yané ratá yayá(r) rō* (AP 288)  
‘pois (*rō*) nosso fogo (*yané ratá*) recebe (*yayár*) todos os que vivem assim (*opá emonã tekwára*)’ (dito por um diabo a respeito dos pecadores: estes são o foco do discurso, ao passo que o sujeito ‘nosso fogo’ é incidental)
- (15) *yaymoreawsú(b) ro’i* (AP 317)  
‘o frio (*ro’i*) fê-lo sofrer’ (num poema sobre o Menino Jesus, foco e, aqui, objeto; o sujeito ‘o frio’ é incidental)

- (16) *yaypópwáratã... yaynupãnupã* (AP 327)  
'amarraram-lhe fortemente as mãos... surraram-no' (numa composição sobre Cristo, foco e objeto)
- (17) *yaypóasásá(b)* (AP 328)  
'transpassaram-lhe [com cravos] as mãos' (como 16)
- (18) *isî n-imemîrasîy na-suwîy n-imara'ári n-yaymomarãpotári pitãñî morawsubára* (AP 317)  
'sua mãe (*isî*) não teve dor de parto (*n-imemîrasîy*), não sangrou (*na-suwîy*), não ficou doente (*n-imara'ári*), não quis fazê-la sofrer (*n-yaymomarãpotári*) o menininho misericordioso (*pitãñî morawsubára*) (o foco é 'sua mãe', sujeito das três primeiras orações [ne-nhuma com verbo transitivo], mas objeto da quarta).

3.4. O Vocabulário na Língua Brasílica oferece breve discussão o problema da distinção entre *ya-* e *o-* no verbete "Eclipsar se a lua", para o qual dá:

- (19) *yasi ma'éya'ú* (V 1.108)  
(‘um animal come a lua’)
- (20) *ma'é yasi ya'ú* (V 1.108)  
(‘um animal come a lua’)
- (21) *yasi ma'é o'ú* (V 1.108)  
(‘o animal come a lua’)
- (22) *ma'é yasi o'ú* (V 1.108)  
(‘o animal come a lua’)

E acrescenta: “Estes são dos mais escuros termos de falar que ha nesta lingoa, porq. querem dizer que a lua he comida dalgũa coisa, e são tam ambiguos q. iuntamente querem dizer que ella he a que come algũa cousa. ... O eclipse da Lua dizẽ elles q. a come algũa fera do Ceo”. (V 1.108)

Supomos que (19) e (20) têm a lua (objeto) como tópico principal – o que seria a situação mais comum ao explicar-se o que acontece com ela no eclipse –, ao passo que (21) e (22) têm o animal (sujeito) como foco.

3.5. Mais um argumento para a hipótese do foco é o uso “impessoal” de *ya-*, registrado por Anchieta: “Também se usa desta primeira plural por terceira impersonaliter, ut *yajucâ*, matão, sem ter nominativo expresso” (AG 36v). O exemplo:

- (23) *yayuká*  
 ‘matam’, aliás ‘matam-no’,

é um caso típico de sujeito não focal.

Outros exemplos análogos ocorrem no *Catecismo na Língua Brasileira*:

- (24) *emonã tekwárwéra yaype'á* (C 128)  
 ‘o que tiver estado assim (*emonã tekwárwéra*) [casado contravontade] é separado’ (na tradução do *Catecismo*: ‘há-se de apartar’)
- (25) *...yaype'á yẽ aypóba'é amõ resé imomená* (C 131v)  
 ‘são separados (*yaype'á*) sem mais (*yẽ*) esses (*aypóba'é*) e casados (*imomená*) com outras (*amõresé*) (no *Catecismo*: ‘apartamos aos taes, e casamos com outras’)

4. No conjunto de seis prefixos marcadores de sujeito podemos distinguir:

(a) formas que manifestam a oposição entre o falante e o ouvinte: *a-*, *ere-*, *oro-*, *pe-*;

(b) formas que não manifestam essa oposição, porque incluem ou excluem tanto o falante como o ouvinte: *ya-*, *o-*;

(c) formas em que uma 3ª pessoa está incluída necessariamente: *oro-*, *pe-*, *o-*;

(d) formas que excluem a 3ª pessoa, ou em que esta pode estar implícita, mas não é focal: *a-*, *ere-*, *ya-*.

Com base nessas distinções, podemos construir uma matriz de componentes “semânticos” que ponha em evidência os fatores necessários e suficientes para caracterizar todas as formas:

		oposição		F/O
		+		-
		F	O	
	-	a-	ere	va-
3 F	+	oro-	pe-	o-

F = falante

O = ouvinte

3 F = terceira pessoa focal

Essa matriz mostra que *ya-* e *o-* significam ambos a neutralização da oposição entre o falante e o ouvinte, oposição que se dá quando os dois estão presentes (“nós inclusivo”) e quando os dois estão ausentes (“ele[s]”); a distinção entre *ya-* e *o-* repousa exclusivamente na presença ou ausência de uma terceira pessoa focal.

A neutralização da oposição entre o falante e o ouvinte pode ser representada numa árvore gerativa, em que a confluência de ramos indica uma só saída para situações semanticamente distintas:

